

O trabalho e sua contextualização na realidade latinoamericana contemporânea.

Valéria Ferreira Santos de Almada Lima y
Maria Eunice Ferreira Damasceno Pereira.

Cita:

Valéria Ferreira Santos de Almada Lima y Maria Eunice Ferreira Damasceno Pereira (2019). *O trabalho e sua contextualização na realidade latinoamericana contemporânea*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1783>



O trabalho e sua contextualização na realidade latinoamericana contemporânea

Valéria Ferreira Santos de Almada Lima¹
Maria Eunice Ferreira Damasceno Pereira²

Resumo

O artigo objetiva contextualizar o trabalho no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo particularmente na realidade latino-americana contemporânea. Discute as transformações experimentadas pelo mundo do trabalho, mais precisamente a partir dos três últimos decênios do século XX, e seus rebatimentos nas condições de uso, contratação e remuneração da força de trabalho, face às novas exigências do regime de acumulação flexível, sob a égide da ideologia neoliberal. Analisa as tendências gerais identificadas no mercado de trabalho na região nos anos recentes. Além de pesquisa bibliográfica, o principal procedimento metodológico adotado foi o levantamento e sistematização de dados secundários, utilizando-se como principais fontes as pesquisas realizadas pela CEPAL e pela OIT. Conclui que as transformações decorrentes do processo de reestruturação capitalista e do ajuste estrutural experimentado pela maioria dos países da região a partir da década de 1990 trouxeram consequências nefastas do ponto de vista do mercado de trabalho, tais como o aumento do desemprego e da informalidade das relações de trabalho. No período mais recente, após significativos avanços experimentados pelo mercado de trabalho na região, sobretudo na primeira década de 2000, expressos na queda da taxa de desocupação, na elevação do índice de formalização das relações de trabalho e no aumento real do salário mínimo, assiste-se a uma deterioração de todos esses indicadores sendo esse processo marcado pelo aumento da precarização do trabalho, em um contexto de aprofundamento da crise econômica e de avanço das tendências de flexibilização das relações de trabalho.

Palavras-Chave

Reestruturação Produtiva; Neoliberalismo; Trabalho; Mercado de Trabalho, América Latina

Abstracts

The article aims to contextualize work in the current stage of development of capitalism particularly in contemporary Latin American reality. It discusses the transformations experienced by the world of work, more precisely from the last three decades of the twentieth century, and its repercussions on the conditions of use, hiring and remuneration of the workforce, given the new demands of the flexible accumulation regime, under the aegis of neoliberal ideology. It analyzes the general trends identified in the labor market in the region in recent years. In addition to bibliographic research, the main methodological



procedure adopted was the collection and systematization of secondary data, using as main sources the research carried out by ECLAC and the ILO. It concludes that the transformations resulting from the process of capitalist restructuring and the structural adjustment experienced by most of the countries of the region since the 1990s have had adverse consequences from the labor market point of view, such as the increase in unemployment and informal relations of work. In the most recent period, after significant advances in the labor market in the region, especially in the first decade of 2000, expressed in the drop in the unemployment rate, in the increase in the index of formalization of labor relations and in the real increase of the minimum wage, there is a deterioration of all these indicators and this process is marked by the increase in the precariousness of labor, in a context of deepening the economic crisis and the trend towards more flexibilization of labor relations.

Key-words

Productive Restructuring; Neoliberalism; Job; Labor Market, Latin America

Introdução

O presente texto resulta de reflexões empreendidas no âmbito de um projeto de pesquisa intitulado “Observatório Social e do Trabalho: eixo do trabalho”³, desenvolvido pelo Grupo de Avaliação e Estudo da Pobreza e de Políticas Direcionadas à Pobreza - GAEPP, articulado ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. Tem como objetivo contextualizar o trabalho no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, particularmente na realidade latino-americana contemporânea. Para tanto, discute, em primeiro lugar, as transformações experimentadas pelo mundo do trabalho, mais precisamente a partir dos três últimos decênios do século XX, e seus rebatimentos nas condições de uso, contratação e remuneração da força de trabalho, com destaque para as particularidades assumidas por esse processo na região da América Latina. Em seguida, analisa as tendências gerais identificadas no mercado de trabalho da região como reflexo do ajuste estrutural dos anos 1990, bem como as inflexões experimentadas nas décadas de 2000 e de 2010. Por último, à guisa de conclusão, apresenta um balanço das tendências gerais do comportamento do mercado de trabalho na região nas últimas três décadas.

Reestruturação capitalista e transformações no mundo do trabalho sob a égide do neoliberalismo: particularidades na região latino-americana

Contemporaneamente, mais precisamente a partir dos três últimos decênios do século XX, o mundo do trabalho vem experimentando um conjunto de transformações que afetam tanto as condições de uso da força de trabalho no processo produtivo como as suas formas



de contratação para fazer face às novas exigências advindas do regime de acumulação flexível sob a égide da ideologia neoliberal. (Raichelis; Lima, 2016, p.130).

Com efeito, em resposta a mais uma crise estrutural do capital, iniciada em meados dos anos 1960, assistiu-se, por um lado, a um processo de financeirização sem precedentes na história do capitalismo, decorrente da transferência de parte dos fundos monetários capitalistas das áreas produtiva e comercial para a esfera financeira. Por outro lado, o capital que se mantém no campo produtivo vem experimentando um conjunto de estratégias de reestruturação, visando a superar os limites intrínsecos ao regime fordista de acumulação, bem como a sua rigidez face aos novos requisitos de competitividade e ao caráter mais instável e diferenciado da demanda, em um contexto de acirramento da concorrência intercapitalista em âmbito mundial.

Algumas dessas estratégias incidem mais diretamente sobre a organização do trabalho e da produção, através de inovações tecnológicas e organizacionais inspiradas, sobretudo, embora não exclusivamente, no modelo de produção japonês. Tais inovações impactam nas condições de uso da força de trabalho, na medida em que implicam na reaglutinação de tarefas e na exigência de um novo perfil de trabalhador, polivalente, multifuncional, participativo, substituindo-se a noção de qualificação para o exercício de funções específicas por um conjunto de competências que privilegiam atributos comportamentais e atitudinais. (Raichelis; Lima, 2016, p. 131).

Cabe ressaltar que a adoção do conceito de competência para configurar o novo perfil do trabalhador visa a atender as exigências de flexibilização das relações de trabalho impostas pelo processo de reestruturação produtiva sob a égide da ideologia neoliberal. Com efeito, tal conceito descaracteriza a noção de profissão e, conseqüentemente, enfraquece o papel dos sindicatos como porta-vozes das categorias profissionais. (Peliano, 2002).

Além das estratégias de reestruturação produtiva direcionadas para a flexibilização do processo de trabalho e do padrão de uso da força de trabalho, é importante destacar as medidas de racionalização implementadas pelas empresas com vistas à flexibilização das relações de trabalho e do mercado de trabalho. Estas consistem, essencialmente, na adoção de formas atípicas de contratação da força de trabalho, tais como: trabalho temporário, trabalho em tempo parcial, subcontratação de trabalho a domicílio, entre outras. Observa-se também a realocação de plantas industriais para regiões de fraco poder de organização sindical, a incorporação de um padrão de relação de trabalho que privilegia a negociação direta e individualizada entre patrão e empregado e a terceirização, tendo



como principal fonte de inspiração o modelo de especialização flexível desenvolvido na região da Terceira Itália (Antunes, 1995).

Paralelamente às transformações que incidem na base produtiva, assiste-se a uma importante inflexão no padrão de regulação econômica e social do capitalismo que, segundo Jessop (1991), podem ser sintetizadas na substituição do Welfare State Keynesiano pelo que o autor denomina de Workfare State Schumpeteriano. Enquanto o primeiro tinha como foco a promoção do pleno emprego em economias nacionais relativamente fechadas, o segundo objetiva fomentar a inovação da produção, dos processos de organização e dos mercados em prol da elevação da competitividade estrutural de economias abertas à concorrência internacional.

No plano econômico, tal mudança de orientação se traduz na adoção de medidas que enfatizam a estabilização monetária e o equilíbrio orçamentário, em detrimento da elevação do nível de emprego, bem como a desregulamentação dos mercados, a redução e a flexibilização dos custos trabalhistas com vistas à inserção das economias nacionais na nova ordem mundial globalizada.

Já no plano social esse novo padrão de regulação substitui as chamadas políticas de integração, de cunho universalista e distributivo pelo que Castel (1998) denomina de políticas de inserção, de caráter residual, focalizadas nos segmentos mais vulneráveis.

Particularmente na América Latina, todas essas grandes transformações societárias ocorridas a partir dos anos 1970, no contexto do processo de globalização dos mercados e mundialização do capital, associadas à eclosão da crise da dívida externa e consequentes desequilíbrios macroeconômicos que incidiram sobre a maioria dos países da região, impuseram, sob a liderança dos países centrais e dos organismos internacionais, a adoção de novas medidas de gestão da política econômica inspiradas nas diretrizes definidas no Consenso de Washington.

Tais medidas compreendiam um conjunto de reformas estruturais visando à liberalização da conta corrente do balanço de pagamentos e de sua conta de capitais, à desregulamentação dos controles de preços na economia e à privatização de áreas importantes da atividade produtiva. A estas associavam-se, de um lado, políticas macroeconômicas de austeridade fiscal e disciplina monetária, com vistas a superar a crise da dívida externa, o elevado déficit público e a inflação; e, de outro, políticas microeconômicas direcionadas à desoneração do capital e ao aumento da competitividade das empresas dos países periféricos em um mercado internacional aberto e desregulado. (Lima et al, 2014).



Tal processo de ajuste estrutural experimentado pela maioria dos países da periferia latino-americana, sobretudo ao longo dos anos 1990, trouxe consequências nefastas do ponto de vista do mercado de trabalho da região, já historicamente marcado por uma heterogeneidade estrutural, expressa na convivência e articulação entre setores arcaicos e modernos, bem como por elevados índices de informalidade e precariedade das relações de trabalho.

Tendências gerais do mercado de trabalho na região da América Latina a partir dos anos 1990.

Conforme ressaltado anteriormente, a implementação do ajuste estrutural inspirado nas orientações do Consenso de Washington durante os anos de 1990 resultou no agravamento de alguns traços perversos do mercado de trabalho latino-americano herdados do passado tais como: expansão do desemprego e aprofundamento da precarização das condições e das relações de trabalho.

Com efeito, segundo dados da CEPAL (2012), entre 1990 e 2002, a taxa média de desemprego na região cresceu de 4,5% para 11,1%. Tal agravamento do desemprego associado a um processo sistemático de desregulamentação das relações de trabalho, em um contexto já historicamente marcado pela fragilidade dos mecanismos de proteção social de amplas camadas da população, resultaram na intensificação da precarização das relações de trabalho. Segundo o Relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), oito de cada dez postos de trabalho criados nos anos 1990 correspondiam a ocupações de baixa qualidade no setor informal (Organização das Nações Unidas, 2002).

Ademais, entre 1980 e 1998 a proporção de trabalhadores assalariados em ocupações de caráter temporário saltou de 6% para 20% na Colômbia; de 11% a 17% no Chile; de 1% a quase 10% na Costa Rica, enquanto no Equador 45% do total dos trabalhadores se inscreviam nessa modalidade de contrato de trabalho no final da década. Ao mesmo tempo, em meados dos anos 1990, o Paraguai, o Brasil e o Peru possuíam quase a metade dos seus trabalhadores urbanos sem contrato de trabalho e sem qualquer cobertura de Previdência Social (CEPAL; Organização das Nações Unidas, 2000).

Entretanto, durante a década de 2000, assistiu-se a uma importante inflexão em direção a uma significativa melhoria nos indicadores de mercado de trabalho da região. De fato, no final dos anos 1990, a insatisfação do eleitorado latino-americano com os partidos políticos que implementaram as políticas neoliberais implicou na derrocada de tais partidos do poder e na ascensão de partidos de esquerda, sob forte influência da pressão popular e das organizações sociais e sindicais.



Nesse contexto marcado por importantes mudanças no mapa geopolítico da região, mais precisamente entre 2003 e 2010, observou-se uma diminuição da taxa de desemprego em resposta ao crescimento do PIB, acompanhada do aumento da taxa de ocupação e da elevação real dos salários mínimos nacionais, que cresceram em média 40%. Além disso, o emprego assalariado cresceu de 65,2% em 1990 para 69% em 2010 e a informalidade caiu de 48,1% em 1990 para 42,7% em 2009 (CEPAL, 2012a).

Não obstante, em que pese a diminuição das taxas de desemprego e a recuperação dos salários mínimos nacionais, a região da América Latina não superou os traços histórico-estruturais dos mercados e das condições de trabalho.

De fato, no final da década de 2000, 53% da população economicamente ativa na América Latina estavam fora do mercado de trabalho formal e mais da metade (56%) dos trabalhadores latino-americanos ocupados não eram cobertos pelos sistemas de Previdência Social (CEPAL, 2012a).

Portanto, permaneceu inalterada a profunda segmentação do mercado de trabalho, expressa na convivência de um setor de alta produtividade, representado pelas grandes empresas e pelo capital estrangeiro, que empregam apenas 19,8% dos trabalhadores, com o setor de baixa produtividade, associado ao segmento informal e às pequenas empresas, que empregam 50,2% da força de trabalho latino-americana.

Ademais, cumpre ressaltar que embora a região tenha experimentado importantes avanços nos indicadores sociais entre o início da década passada e meados da presente década, desde 2015 ocorreram retrocessos em um contexto regional de baixo crescimento econômico, de profundas transformações demográficas e no mercado de trabalho, associadas a mudanças no campo político e ideológico, expressas na ascensão ao poder de governos de direita e de inclinação ultraliberal

De fato, partir de 2015, observa-se a deterioração de importantes indicadores do mercado de trabalho: aumentaram as taxas de desocupação e interrompeu-se o processo de formalização do emprego que havia ocorrido em diversos países nos anos anteriores, assim como a tendência de valorização dos salários reais.

No tocante à ocupação, a acentuada desaceleração do crescimento econômico entre 2010 e 2016 impactou fortemente na geração de emprego, inicialmente atenuando a dinâmica do aumento da taxa de ocupação e depois reduzindo-a. A leve recuperação do crescimento registrada entre 2017 e 2018 contribuiu apenas para a estabilização dessa taxa. Em contrapartida, a taxa média anual de desocupação urbana na região da América Latina e



Caribe, sobretudo a partir de 2015 experimentou uma tendência de crescimento passando de 7,3% para 9,3% em 2017, mantendo-se neste nível em 2018. (CEPAL; OIT, 2019)

Por outro lado, no que tange à qualidade do emprego, vale ressaltar que embora em 2018 o número de ocupados no mercado de trabalho da região tenha crescido em torno de 1,7%, pelo sexto ano consecutivo observa-se uma tendência de maior expansão do trabalho por conta própria (geralmente de pior qualidade) comparativamente ao emprego assalariado. Com efeito, a expansão do trabalho por conta própria contribuiu aproximadamente em 49% para o aumento do número de ocupados no mercado de trabalho, enquanto a geração de emprego assalariado representou apenas 37% e outras categorias de ocupação contribuíram com 14% dos novos empregos. (CEPAL; OIT, 2019)

Por outro lado, a debilidade da demanda por trabalho tem contribuído para uma tendência de desaceleração do crescimento dos salários reais. Efetivamente, em 2018 a mediana das taxas de crescimento do salário real do emprego registrado foi a mais baixa da década.

Tal desaceleração do crescimento dos salários reais decorreu da adoção de uma política salarial mais conservadora pela maioria dos países da região em 2018 relativamente aos anos anteriores. Segundo dados da CEPAL; OIT (2019) entre 2012 e 2017 prevaleciam aumentos reais do salário mínimo em torno de 2 a 3%, sempre superiores aos dos salários médios. Enquanto isso, em 2018, a mediana dos aumentos registrados foi de 1,5%. (CEPAL; OIT, 2019)

Conclusão

As reflexões desenvolvidas neste texto permitem concluir que as transformações decorrentes do processo de reestruturação capitalista e do ajuste estrutural experimentado pela maioria dos países da região a partir da década de 1990 trouxeram consequências nefastas do ponto de vista do mercado de trabalho, expressas sobretudo no aumento do desemprego e da informalidade das relações de trabalho, em um contexto já historicamente marcado pelo desemprego estrutural e por uma forte segmentação do mercado de trabalho.

Ao longo da primeira década de 2000, entretanto, assistiu-se a uma importante inflexão no panorama social da América Latina, alavancada por um cenário geral de crescimento econômico e de mudanças no mapa geopolítico da região expressas na ascensão de partidos progressistas ao poder. Neste contexto, observaram-se significativos avanços nos indicadores do mercado de trabalho na região, expressos na queda da taxa de desocupação, na elevação do índice de formalização das relações de trabalho e no



aumento real do salário mínimo. Não obstante, tais avanços não foram suficientes para a superação de problemas históricos que caracterizam o mercado de trabalho da região.

Por outro lado, no período mais recente, a partir da segunda metade da década de 2000, assiste-se a uma deterioração dos indicadores sociais em uma conjuntura de desaceleração do crescimento econômico e de aprofundamento das políticas neoliberais, sendo uma das principais expressões desse processo o aumento da precarização do trabalho, em um contexto de avanço das medidas de flexibilização das relações de trabalho.

Notas

¹ Economista, doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, professora Associada III do Departamento de Economia e dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico e em Políticas Públicas da UFMA. Pesquisadora nível II do CNPQ e do Grupo de Avaliação e Estudos da Pobreza e das Políticas Direcionadas à Pobreza – GAEPP; email: valmadalima@gmail.com

² Assistente Social, doutora em Economia Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, professora Associada IV do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Pesquisadora do Grupo de Avaliação e Estudos da Pobreza e das Políticas Direcionadas à Pobreza – GAEPP; email: eunicepereira.ufma@gmail.com

³ Projeto aprovado pelo CNPQ para fins de concessão de Bolsa de Produtividade em Pesquisa- nível II.

Referências

Antunes. Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.

Comissão Econômica Para América Latina e Caribe/Organização Internacional do Trabalho. Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe: el futuro del trabajo en América Latina y el Caribe: antiguas y nuevas formas de empleo y los desafíos para la regulación laboral. Maio de 2019, n. 20. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/node/49167>; acesso em 10/07/2019.

_____. Cambio estructural para la igualdad: una visión integrada del desarrollo. Santiago de Chile, 2012a.

_____. Panorama Social de América Latina 2012: documento informativo. Santiago de Chile, 2012b.

_____; _____. Organização Internacional do Trabalho. Panorama Social de América Latina, 2000. Santiago de Chile, 2000.



Castel, R. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

Duailibe, Mônica Damous. A informalidade das relações de emprego e a atuação da inspeção do trabalho: uma análise para o Maranhão contemporâneo. Dissertação de Mestrado. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2010.

Jessop. Bob. Changing forms and functions of the State in na era of globalization and regionalization. In. European Association for Evolutionary Political Economy, 1991, Paris. Anais..., Paris [s.n], 1991.

Lima. Valéria Ferreira Santos de Almada; REIS. Carlos Nelson dos; Arregui. Carola C.; Tripiana. Jorge. Contextualização socioeconômica e política dos PTRC na América Latina. In. SILVA e Silva. Maria Ozanira (Coord.). Programas de transferência de renda na América Latina e Caribe, São Paulo: Cortez, 2014.

Peliano, José Carlos Pereira. Demandas sociais e econômicas em educação profissional. In. Leite, Elenice Monteiro; Souza, Francisco Heitor de Magalhães (Orgs.). Centros públicos de educação profissional: teoria, propostas, debates e práticas. Brasília: Ed. da UnB, 2002.

Raichelis, Raquel; Lima, Valéria Ferreira Santos de Almada. O trabalho da equipe de profissionais do Bolsa Família. In: Silva, Maria Ozanira da Silva e (Coord.). O Bolsa Família: Verso e Reverso. Campinas: Papel Social, 2016.

SILVA, Maria Ozanira da Silva; Lima. Valéria F. Santos de Almada. Antecedentes e contextualização: trajetória de desenvolvimento do Bolsa Família. In. Silva, M. O. da Silva et. Al. Caracterizando e problematizando o Bolsa Família. São Luís, 2014. (Mimeo.)

Soto, Sílvia Fernández; LIMA. Valéria Ferreira Santos de Almada; Tripiana. Jorge. Transformações do Sistema de Proteção Social no contexto latino- americano e antecedentes políticos e institucionais dos programas de transferência de renda condicionada (PTCR), In. Silva e Silva. Maria Ozanira (Coord.). O mito e a realidade no enfrentamento à pobreza na américa latina: estudo comparado de programas de transferência de renda no Brasil, Argentina e Uruguai, São Paulo: Cortez, 2016.



Dos fundamentos filosóficos do trabalho ao mundo do trabalho e suas contradições: a crítica através das telas do cinema, na música.

Leandro Nunes

Resumo

Este artigo tem por objetivo realizar a partir das teses de Marx, Engels, Hegel, Lukács, entre outros, uma discussão sintética no que se refere a gênese e desenvolvimento do ser social no e pelo trabalho, uma vez que, para os autores acima citados, o trabalho é a categoria fundante do ser social e que potencializa o desenvolvimento do ser social, no entanto os mesmos não desconsideram outras bases neste processo. Num segundo momento nosso debate terá como pano de fundo uma análise do processo de trabalho na atualidade e suas consequências sobre a classe trabalhadora. Feito este movimento reflexivo inicial, pretender-se-á analisar as complexidades deste “novo” “mundo” do trabalho é visto sob os olhos críticos em muitos filmes, documentários, músicas, obras de arte a partir da perspectiva crítico-dialética, exposta em especial por Lukács em sua *Estética* e que se atualiza no Projeto Tela crítica coordenado pelo Professor Dr. Giovanni Alves.

Introdução

A história se encarregou de nos mostrar um profundo e contraditório debate em torno da gênese do homem/mulher. Tais quais podem-se citar aqui a visão religiosa que defende o criacionismo, e a visão materialista, que defende que o homem/mulher tem sua gênese a partir da transformação do macaco em homem no e pelo trabalho. Assumimos aqui como referência de análise a teoria materialista, por acreditarmos ser a mais verdadeira¹. Nesta trilha conceitual, para Lessa “*é no e pelo trabalho que se efetua o salto ontológico que retira a existência humana das determinações meramente biológicas*” (Lessa, 2002, pg.27). Este salto se assim podemos denominar, da condição meramente biológica para a condição social é o que separa os homens/mulheres dos demais animais do reino animal estes agem por epifenômeno, por instinto, “agora”, o ser social se dota de capacidades teleológicas, constrói suas ações em sua alma antes de objetiva-las na realidade material, isso muda “radicalmente” a história, bem como estabelece um “abismo” entre teleologia e epifenômeno, entre ser social e demais seres biológicos, a partir de então homens e mulheres passam a escrever sua história, embora que a escrevam sob condições a si impostas (Marx, 2011).

Devemos deixar claro que, é de suma importância que tomemos cuidado ao analisar a categoria trabalho, uma vez que o trabalho é uma categoria histórica que como já afirmado



funda o ser social, ou seja, o trabalho é o “motor” da história - no entanto, se utilizando das explicitações de Antunes, nos tempos contemporâneos, o trabalho, vem sofrendo um efeito pendular, ora ente fundante do ser social, emancipatório - ora precário, dominador, manipulador, adocedor, suicida, etc. nas palavras do autor:

Em “resposta” (mas não se limitou a este fim em exclusividade) a crise do capital ocorrida nos anos 1970/1980 o “mundo do trabalho” sofre um processo de reestruturação produtiva impactando em demasiadas consequências: exploração da força de trabalho, longas jornadas de trabalho, condições subumanas de trabalho, ocultação de direitos, entre outros onde podemos notar nos canaviais, no trabalho docente, nos trabalhadores do telemarketing, nos micros assalariados do *Mac’ Donalds*. De acordo com alguns autores da teoria social crítica, o capitalismo chegou a um ponto em que não consegue mais se desenvolver e manter os direitos da classe trabalhadora ao mesmo tempo.

Tais complexidades deste “novo” “mundo” do trabalho é visto sob os olhos críticos em muitos filmes, documentários, músicas, obras de arte. Demasiados são as percepções, conceitos em torno da arte, do cinema, da música entendemos tais categorias como o campo de possibilidade de desfetichização do indivíduo

Trabalho e ser social².

Começamos nossa exposição com um ponto de suma importância a ser refletido, ao discorrer sobre a centralidade da categoria do trabalho sob o prisma lukacsiano, não estamos advogando que exista uma ontologia privativa da categoria trabalho, e sim este (o trabalho) como categoria intrínseca e fundante do ser social. Estamos aqui partindo da premissa que a evolução do homem³ está interiormente relacionada à sua sobrevivência e desenvolvimento, para Lukács o desenvolvimento das capacidades biopsicossociais dos seres humanos, é adquirido no e pelo trabalho. Vale aqui lembrar o que Engels explicita na primeira frase de seu texto “*Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*”:

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem⁴.

É necessário deixar claro que a “passagem” de ser biológico a ser social não se deu “da noite para o dia”, e sim durante milhões de anos de desenvolvimento da própria história da terra. Ainda em Lukács, o ser social chega a este estágio desenvolvido mediante o salto



ontológico, entendido pelo filósofo húngaro como: a passagem do ser inorgânico (os átomos, as moléculas, aqueles que não dispõem da capacidade de se reproduzir) a vida (ser orgânico, o ser vivo em geral) e deste ao ser social dotado de consciência e pensamentos (conceituar objetos). Lukács (2012, p. 42-43) nos adverte que, é necessário que saibamos desde o início que não existe possibilidades de adquirirmos um conhecimento preciso e direto da transformação do ser orgânico em social, pois, o máximo que possamos alcançar é um conhecimento *post festum* (pós realização), na mesma análise, o filósofo húngaro realiza uma crítica radical a gerações de darwinistas e sua vã tentativa de encontrar o elo perdido entre o macaco e o homem, tal tentativa diz Lukács tinha de ser vã pois “... as características biológicas podem iluminar somente os estágios de transição, jamais o salto em si mesmo”. Desenvolvido e articulado, com capacidades exclusivas de mediação com a natureza externa a seu corpo - o ser humano universaliza-se, ou seja, em seu ato de mediação, controle, regulação com a natureza ele (o ser humano) se naturaliza ao passo que humaniza a natureza.

Já comentamos anteriormente que o que separa o homem/mulher dos demais animais é a capacidade de pensar o objeto em sua alma antes de objetivar materialmente suas ações, ou seja, teleologia, porém as ações humanas estão intrinsecamente correlatas a relação entre teleologia e causalidade, nesta relação histórica quer queiramos quer não ocorrerão casualidades. Para compreendermos de forma mais clara este ato exclusivo e de suma importância analisemos a história de Ikursk⁵. Na história em comento, Ikursk um legítimo medroso habitante de uma aldeia primitiva, se viu envolto em uma situação concreta, sua tribo há muito vinha sendo aterrorizada por um enorme tigre, este animal feroz já havia matado a maioria dos melhores guerreiros da sua tribo. Neste sentido, o medroso Ikursk com receio de ser o próximo a ser mandado para se confrontar com o felino quebrou seu machado e passou vários dias e noites construindo um maior, que de tão grande e pesado mal poderia ser arrastado por metros adentro da floresta. Os habitantes da aldeia sabendo da fama de nosso medroso encarregaram a Ikursk a tarefa de acompanhar as mulheres na quebra de cocos. Dias e noites foram se passando, o tigre volta e meia rondava a aldeia. Até então seu até pré-idealizado de não ser mandado de encontro ao tigre ia se materializando.

No entanto, certo dia no anoitecer de mais um dia de atividades, Ikursk se depara com uma situação por ele inesperada. Ao levantar o machado para quebrar um coco sentiu uma leve e aquecida baforada em seu pescoço, e num súbito movimento de desespero, medo, o medroso que estava com o machado acima de sua cabeça se deixa ser levado ao chão devido a suas tremulas pernas e cai de costas. Havia chegado o momento de sua morte,



pensa ele. Porém, novamente “por obra” do acaso o machado de Ikursk é projetado diretamente a crânio do tigre, levando assim a morte do “monstro faminto” que já havia matado muitos dos guerreiros de sua tribo. Ikursk passa então de medroso a chefe da tribo, não esqueçamos aqui do fato de que o herói (agora nomeado, devido a morte do tigre por seu machado) da tribo em momento algum havia projetado enfrentar o terrível assassino.

Outras reflexões podem aqui também serem citadas, nenhum das ações e eventos, causas e efeitos acima descritos seriam possíveis no mundo vegetal, mineral e/ou dos demais animais, uma vez que, nenhuma pedra ou madeira jamais haviam pensando em ser um machado, os demais animais no caso do tigre executam suas atividades por epifenômeno (por instinto), para sua reprodução biológica e de sua espécie. Já no “mundo” da espécie humana, estes idealizam como já mencionamos anteriormente antes de objetivar, e o foi com nosso causal/casual herói e suas ações, bem como, o próprio ato de escolher a ação de quebrar seu machado e construir outro maior e pesado só para não ser mandado de encontro ao faminto felino. Assim, embora seja um terreno movediço de se entrar, admitimos que foram as cadeias causais existentes na natureza que “determinaram” que Ikursk decidisse pelo ato de construir outro machado e não simplesmente fugir, inventasse uma doença, etc., se assim o fizesse outras seriam as casualidades postas a sua tribo, outras seriam as histórias contadas por seus descendentes, chamemos este ato de escolha entre alternativas.

Em Lukács, a particularidade do trabalho se dá na “relação direta” entre a atividade projetada na consciência (teleologia) e as conexões causais da materialidade (causalidade). Neste sentido Lukács “determina” de exteriorização o momento em que a subjetividade (conhecimentos e habilidades) se confronta com a objetividade, neste processo de subjetividade/objetividade não apenas o objeto é transformado, mas também o próprio sujeito que o modifica, ao transformar o objeto em sua relação com a natureza o sujeito adquire novas habilidades, conhecimentos, competências, possibilidades. Sendo assim, o trabalho, propicia ao ser social uma dupla transformação: ao passo que através de sua mediação, regulação, transformação da natureza em materiais que satisfaça suas necessidades individuais e/ou coletivas ele também se torna outro ser distinto do anterior, este “novo ser” possui agora outras características, conhecimentos, potencialidades que até então eram inexistentes. Ao analisar sobre o trabalho, não poderíamos deixar de nos refutar a Hegel. Em Hegel o ato de trabalhar é uma atividade do espírito do ser humano, e tal ato seria capaz de acordo com Hegel a “luta” pela liberdade deste ser que trabalha dentro de uma sociedade e suas esferas de socialidade entre os seres constituintes e constituídos nela e por ela. Assim em Hegel o trabalho forma a consciência do indivíduo,



ao realizar esta mediação entre os seres que compõem a sociedade civil. Assim, em Hegel temos uma tentativa de fusão entre pensamento e realidade (unidade-identidade) ao mover-se a partir da ideia de um sistema que mescla ontologia, pensamento e teoria do conhecimento. Em nota de rodapé, Frederico (2009, P. 177), nos explicita que, não por outro motivo que diversos filósofos da tradição marxista recorrem constantemente a obra do jovem Hegel, o próprio Lukács, ao descrever sobre a “diferença” entre “causalidade” e “teleologia” de muito utilizou da obra em comentário “graças à prática, entendida, como trabalho humano, como utilização de ferramentas”. Embora tenha se “afastado” dos demais animais devido a características peculiares a sua corporeidade física e mental o homem/mulher nunca deixará de ser parte da natureza orgânica, embora nos “pareça” em dias atuais que o mesmo tenha cada vez mais se afastado desta.

Pois bem, até o presente momento nossas análises se destinaram ao trabalho enquanto categoria fundante e desenvolvedora do ser social, doravante, passaremos a guiar nossas reflexões para o trabalho enquanto categoria apropriada pelo modo de produção capitalista que através da exploração da força de trabalho humana, proporciona a criação de mais-valor, objetivo final do capitalista. É sabido e a própria história dos povos nos mostra que diversos foram os modos de produção existentes, no entanto, guiaremos nossas análises aqui especificamente ao modo de produção capitalista de mercadorias.

Estima-se que tenha sido a “derrocada” do feudalismo o momento em que o capitalismo começa a ganhar seus primeiros traços, e um dos principais “motivos” de sua derrocada (do feudalismo) foi a emergência do mercantilismo, devido à grande elevação do comércio de mercadorias entre os diferentes produtores e lugares. A derrocada do feudalismo nos mostra uma transformação de suma importância no interior das relações de trabalho, agora, “não mais se pagava” os trabalhadores com habitação, alimentos e segurança e sim com moeda (salário), “suficientes” para a “compra” das necessidades citadas anteriormente. Isto muda todo um contexto de relações, o que anteriormente era uma relação senhor X servo se torna uma relação burguês x proletário, neste bojo as contradições antagônicas de classe, luta de classes, desigualdades sociais, violência, fome, miséria, entre outros, se acentuam.

Temos assim, com o “surgimento” do capitalismo outra relação que vai impactar em muito a história da sociedade, a centralidade da produção de mercadorias não mais seria a produção de valor de uso, mas sim, valor de troca, este viria a ser o motor do modo de produção capitalista. Ao produzir carros, alimentos, celulares o capitalista não mais se visa a satisfação de necessidades básicas do ser humano, e sim o que de mais-valor poderá ser adquirido na relação produção, circulação e venda de tais mercadorias entre produtor,



comerciante e consumidor. A força de trabalho humana é a única que categoria existente que cria um novo valor a mercadoria que é produzida, e o cria na mesma proporção que aumenta sua pobreza, aumenta a proporção da desigualdade social, a destruição do meio ambiente, entre outras. O trabalhador labora diariamente, semanalmente, mensalmente sob a concessão de um quantum monetário que lhe deveria servir para satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência (valor-de-troca entre o trabalhador e o burguês. Jornada de trabalho (X horas) – (Y) de salário), porém deste (do trabalhador) é subtraído todo o valor-de-uso agregado a mercadoria que este produz. O processo de trabalho que antes no período artesanal se dava quase que exclusivamente no espaço familiar e durava dos primórdios dos raios solares e findava-se ao crepúsculo do dia se transforma quase que totalmente no pós revolução industrial, o processo de trabalho, passava-se agora a se dar em lugares próprios (fábricas), se davam tanto durante o dia, como a noite, o trabalho vivo (força humana), aos poucos iam dando lugar ao trabalho morto (máquinas) o trabalhador/a passava a ser um apêndice da máquina tendo de se adaptar ao ritmo incansável desta, a jornada de trabalho passavam das 12, 13, e em muitas vezes chegavam a 20 horas, o espaço de trabalho no chão das fábricas eram demasiadamente precários - mortes, mutilações eram constantes, entre outros, ali trabalhavam homens, mulheres, crianças (estas últimas com salários indignos, menores que o dos homens). Tem-se diante deste contexto uma transformação “drástica” no interior da produção e de seus pilares, ou seja, o trabalhador agora não mais é dono de sua força de trabalho, o trabalhador não mais produz para si, mas para outrem. Sua corporeidade física e psíquica, bem como sua produção, pertence agora a outrem, o possuidor de sua força de trabalho, o capitalista, que a remunera como valor de troca e o utiliza como valor de uso, diante de tal contexto, o/a trabalhador/a - possui um dono, a ideologia da liberdade do trabalho difundida com o fim da escravidão passa a ser contestada.

No decorrer do desenvolvimento do modo de produção capitalista o mesmo passou por modelos de produção; taylorismo, fordismo e toyotismo cada qual com sua particularidade de produção, controle, exploração. Concentremos nossas atenções ao último. O toyotismo em seu mais alto grau de exploração “dosmetifica” o trabalhador a entregar toda sua subjetividade a empresa, neste sentido todo e quaisquer saberes dos trabalhadores devem se tornar a favor da empresa em que trabalha, devendo neste sentido estar atento aos imprevistos, a economia de matéria-prima, ao aumento de produção, entre outros. Nos *Team Works (trabalho em equipe)*, cada trabalhador além de cuidar de seus afazeres, monitora o colega ao lado, para que estes não caiam de produção, não desperdicem materiais, idas ao banheiro, horário de almoço e volta do mesmo, etc. com o objetivo de não prejudicar toda a equipe. Agrega-se a este contexto o avanço sem precedentes do



trabalho terceirizado, trabalho temporário, trabalho análogo ao escravo, entre outros. Esta “nova” morfologia do trabalho, desenha também uma nova morfologia das relações sociais: o estudante-trabalhador que convive diariamente sob a difícil e quase impossível missão de trabalhar 8 horas por dia e depois estudar, as mulheres que trabalham no ramo produtivo por 8 horas e depois disso trabalham no espaço reprodutivo doméstico. Os impactos deste controle rígido de trabalho, controle da vida, do corpo físico e mental deste/a trabalhador/a são notórios e tem levado a um elevado índice de adoecimento, afastamento temporário e/ou permanente, quando não óbitos da classe trabalhadora. Dejours (2015, p. 41-42), nos expõe em seu texto “A loucura do trabalho”, a relação entre doença e trabalho:

Doença e trabalho! Este par indissolúvelmente ligado guarda um conteúdo específico: a ideologia da vergonha erigida pelo subproletariado não visa a doença enquanto tal, mas a doença enquanto impedimento ao trabalho. Com efeito, não se encontra nunca, no decurso do subproletariado, uma angústia específica relativa à saúde, à doença ou à morte. A doença é vivida como um fenômeno totalmente exterior resultante do destino e dependente da intervenção exterior: o médico, o hospital. (...).

Antunes em palestra proferida no I Encontro Internacional sobre Teoria do valor Trabalho e Ciências Sociais⁷, traz alguns exemplos transparentes deste “novo” mundo do trabalho que se apresenta ao trabalhador, vejamos: as empresas que disponibilizam restaurantes, academias, dormitórios no interior da empresa. O que falar da Google que disponibiliza carros com motoristas para seus empregados equipados com computadores, assim este trabalhador já começa a preparar seu dia de trabalho, com um grande detalhe esta hora de trabalho não é remunerada, pois está no trajeto casa-trabalho. A Foxconn que desde o ano de 2010 convive com porcentagens cada vez maiores de suicídios entre seus trabalhadores. Esta ao analisar estas porcentagens a empresa mandou que fossem colocadas grades nas janelas dos apartamentos de seus trabalhadores, não com a preocupação que os filhos destes trabalhadores pulem da janela, mas com medo que os próprios trabalhadores se joguem janela abaixo. Bem como, de um termo de compromisso no ato da contratação, onde há uma cláusula que diz que o trabalhador não se suicidara sob a pena do pecúlio pós-morte. E os explorados no ramo da confecção de roupas da Zara, da Mariza?, o trabalho infantil em carvoarias?, trabalho doméstico?, turismo sexual?, os trabalhadores em situação análoga ao de trabalho escravos na colheita de fumo, soja, cana-de-açúcar em diversos estados brasileiros?. E os soterrados nos crimes ambientais ocorridos em Mariana e Brumadinho?, entre tantos outros exemplos. São os mais duros, horripilantes, degradantes exemplos das condições de trabalho que se apresentam a classe trabalhadora na atualidade.



As críticas a este “novo e complexo mundo do trabalho” (Alves, 2011), são hoje nos apresentadas cada vez mais com mais avidez e clareza, e as encontramos nas obras sociológicas, filosóficas, políticas, etc., nas obras de literatura, nas fotografias, pinturas, músicas, documentários, telas de cinema, entre outras. Na seção seguinte deste ensaio, apresentaremos algumas análises sucintas de alguns filmes, músicas que a nosso entender retratam tais críticas aos paradigmas do trabalho nos dias atuais. Vejamos.

A música, o cinema como método crítico de expressão

O cinema, a música a muito vem sendo declarado como o campo do entretenimento, do romance, o cinema, a música é o local onde a vida se passa através da ficção, do drama, da aventura, da ação, é o local da alienação/estranhamento, é o local onde a existência de barreiras sociais “colocam” aos seres sociais elementos que se opõe ao desenvolvimento de sua identidade e personalidade, é o local de válvula de escape da corrida e sofrida vida urbana, é o local de encontro de seres humanos que buscam ou tentam buscar a “resolução” de seus dramas cotidianos. É o local que inspira a imaginação, onde a fantasia e a realidade entram em choque, e dependendo do ponto em que se analisa até por vezes se “casam”, para uns é uma fábrica de sonhos, para outros não se passa de uma mentira, um sensacionalismo feito para arrancar mais ainda seu suado dinheiro. O cinema, a música seduz, corrompe, causa raiva, faz-nos se apaixonar, se decepcionar, é o tudo e é o nada, é necessário que se deixe claro que não estamos relativizando, sendo pós-moderno ao dizer que é apenas uma questão de como olhamos as coisas, uma vez que, leituras equivocadas de uma fala, de um escrito levam a debates por vezes desnecessários. O que estamos querendo dizer é que ao olharmos um filme, uma fotografia, uma obra de arte, escutar uma música sob o prisma fenomenológico “certamente” levaram a conclusões fenomenológicas, é “impossível” olhar, ler algo sob o ponto de vista kantiano (de que se é impossível conhecer o objeto, o ato, etc.) e querer respostas marxianas (de que não só é possível entender o objeto, o ato como também transformá-lo). Cultura, valores, moral, sentimentos, ideologias, tudo é posto à prova ao entramos em uma sala de cinema, ao escutar uma música, olhar uma obra de arte, uma fotografia. A arte assim como a filosofia em Lukács, são ideologias puras, ou seja, não interveem imediatamente nos movimentos sociais, na economia, na política estas têm o gênero humano como “objeto” de estudo. Estas estão no campo da vazão e evasão da subjetividade humana, questionam o indivíduo; o de onde para onde? Quais as origens do mundo? Do ser humano? Através da arte o homem/mulher cria o não existente, a arte “oferece” a homens e mulheres o campo da (des) fetichização do ser humano. A arte é o alto-conhecimento do homem e de sua socialidade, e está vinculada ao conflito entre indivíduo e gênero. Vejamos, algumas músicas que tratam da temática do trabalho, das relações sociais.



Construção de Chico Buarque (1971): a música nos propõe refletir, sobre as condições indignas, desumanas, descartáveis com quais homens/mulheres da construção civil, são tratadas nos dias atuais. Estamos sendo transformados em máquinas e cada vez mais corroborando com este processo. A sociedade não vê estes trabalhadores, estes se tornam “invisíveis” aos olhos dos outros, pendurados em andaimes, bancos, estruturas malfeitas, sem segurança, “ninguém” os percebe, “ninguém” os da valor, se quer querem os ver. Eles são meras peças, que ao menos sinal de defeito são trocados, a frase “*morreu na contramão atrapalhando o trafego*” é emblemática neste sentido.

Trabalhadores brasileiros de Espermogramix (2006) e trabalhador de Seu Jorge (2007): nos mostram o dia a dia de labuta da classe trabalhadora nos dias de hoje. Excluída de metáforas as duas músicas retratam esta vida; a marmitta requentada, o cheiro de azedo, o cansaço, o serviço que não rende, o corre corre, o trabalhar igual “burro” e não ganhar dinheiro, os engenheiros, advogados, etc., trabalhando de garçons, entre outras metáforas que regem nossa vida cotidiana. *A vida cotidiana se instaura quando as pessoas são levadas a agir, a repetir gestos e atos numa rotina de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio. (...). O vivido torna-se o vivido sem sentido, alienado.* (Martins, 2015, p. 71).

Cidadão música de Zé Geraldo (1979) e regravada por Zé Ramalho (1992): mostra a vida de um “pacato” cidadão nordestino que vai viver na cidade grande. Retrata o estranhamento/alienação do homem quanto a seu trabalho ao relatar que construí prédios, escolas e hoje não pode nem olhar ou sua filha não pode estudar por causa de sua condição econômica. Mostra o quanto a vida na cidade pequena é dura, é sofrida, mas o que produz é seu. Retrata também o refúgio das intempéries da vida social na religião, a discriminação, o trabalho é mostrado como uma mercadoria e o trabalhador apenas como uma mera peça dessa engrenagem. Entre outras mensagens.

Admirável gado novo – Zé Ramalho (1980): a música em comento nos traz uma crítica ao capitalismo e a atual política brasileira, sob a metáfora da “*vida de gado*” do “*povo marcado*”, o compositor retrata a vida cotidiana do cidadão brasileiro, sua consciência, atitudes, alienação, o cidadão que é marcado pelas expressões político-econômica do sistema atual, no entanto, sonham com melhores “tempos idos”. Somos “marcados” pelo número do CPF, do RG, do FGTS, do cartão do SUS, entre outros o capitalismo no reduziu a “simples” números, os números dizem sobre nós, somos marcados pela violência, pela cor da pele, pela opção sexual, somos marcados pelo contracheque salarial, somos marcados pela ideologia dominante e manipulatória, o povo segue na “*ignorância*” de ver este mundo se acabar. As marcas do produtivismo se expressam na frase “*dar muito mais*



do que receber” - “a vigilância cuida do normal”, nos remete a disciplina, a vigilância, a sociedade disciplinar em Foucault, a sociedade impõe normas ao sujeito e este tem de se adaptar a tais normas políticas, econômicas, religiosas, culturais. A crítica a religião na frase “a arca de Noé, o dirigível, não voam, nem se podem flutuar”, expressa a esperança por um novo herói que nos salvara do dilúvio que hoje estamos imersos. Martins (2015, p. 68-9), nos explicita este caráter da vigilância na sociedade atual

O corpo se desvanece sob esta leitura que não é inocente ou estética, mas política e ideológica, destinado à terra, aos espaços subterrâneos, às escuras e simbólicas funções da sexualidade e de dejeção que lhe reserva certa psicanálise, também ele é atacado e negado duramente.

Em geral a música nos mostra muitas das categorias apresentadas por Marx em suas críticas sobre a sociedade capitalista: luta de classes, a exploração do homem pelo homem, a alienação e a religião. Milho Aos Pombos - Zé Geraldo (1981): Embora a letra tenha sido escrita em crítica a ditadura militar que vigorou no Brasil entre os anos de 1964 e 1985, muito das frases que nela estão escritas podemos pensar o mundo, o Brasil de hoje:

Enquanto esses comandantes loucos ficam por aí, queimando pestanas organizando suas batalhas. Os guerrilheiros nas alcovas preparando na surdina suas mortalhas A cada conflito mais escombros. Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça, dando milho aos pombos.

Podemos aqui analisar como alusão aos pacotes de medidas neoliberais que cria cada vez mais desigualdade, fome, miséria, desemprego, violência (estes são os escombros). Na estrofe abaixo o compositor, explicita a realidade brasileira da inflação, do aumento de impostos, das mortes no trânsito, da guerra urbana travada, das mortes nas periferias. E quanto alguém tenta protestar e oprimido, é preso, é torturado, é enterrado nas celas do monopólio da violência pelo Estado. Muitas são as músicas em que podemos incluir neste contexto deixamos aqui algumas sugestões de audição para análise: Que país é esse, Fábrica, Dezesseis, Perfeição entre outras da Legião Urbana; Chão de Giz, Sinônimos, Garoto de aluguel de Zé Ramalho; Ouro de Tolo de Raul Seixas; O bêbado e o equilibrista de Elis Regina; John Lennon em Imagine, e sua visão utópica de sociedade, Racionais, entre outras. Na sequência apresentaremos a análise de alguns filmes.

O salário do medo de Henri George Clouzot de 1953: retrata a história de quatro homens que vivem sob condições subumanas de vida devido ao desemprego, por estarem nesta condição e necessitarem de alguma renda, aceitam entrar para atividades ilegais,



perigosas ao serem contratados para transportarem uma carga de nitroglicerina. Daens – um grito de justiça de Stijn Coninx de 1992: conta a história de um grupo de trabalhadores que vivem sob condições desumanas de trabalho em uma fábrica de tecidos, o filme mostra o duro e precário espaço de trabalho no chão das fabricas pós-revolução industrial. Mortes, adoecimentos, extensas jornadas, trabalho infantil são cenas corriqueiras. *Germinal* de Claude Berri de 1993: trata do processo de surgimento e desenvolvimento do movimento operário grevista de trabalhadores de uma mina de carvão na França do século XIX.

O corte de Costa Gravas de 2004: o filme retrata a história de um homem que trabalhou por 15 anos em uma mesma fábrica no ramo do papel e que estava num posto considerado de gerencia, bom salário, a empresa em que Bruno Davert trabalha passa por um processo de reestruturação de pessoal, ele é então demitido. Dois anos se passam, desempregado, o dinheiro vai acabando e o desespero toma conta de Bruno. E num repentino momento de desespero ele arquiteta um plano de eliminar todos seus possíveis concorrentes a cargos de gerencia em fabricas de papel, bem como, o atual gerente da fábrica onde Bruno almeja trabalhar. O “diabólico” plano arquitetado por ele se concretiza. Bruno mata cinco de seus concorrentes e mais o gerente, conseguindo o emprego dos sonhos.

O filme *Tempos Modernos* (Charles Chaplin⁸. 1936. Estados Unidos), trata-se de uma crítica a sociedade pós-industrial, de acordo com Alves (2006)⁹, o filme é um misto de cenas de *tragédia e humor*. Do trabalhador como “mero” apêndice tendo de se adaptar ao ritmo incessante desta, a cena em que Carlitos entrando dentro da máquina é uma das cenas mais clássicas do filme, essa passagem representa o operário como mera peça do sistema e pode a qualquer momento ser sugado pela máquina psicologicamente (Bitencourt. Et al... 2008. p.9)¹⁰. O filme se passa na década de 1930, pós crise de 1929. Este filme de Chaplin é rodeado de críticas ao sistema capitalista: o controle do tempo realizado pelo capataz, a otimização do tempo para produção sabemos pois, que, no sistema capitalista o tempo é quem decide, quem nunca ouviu a expressão “tempo e dinheiro”. O fetiche do consumismo demonstrado por Carlitos e da garota por quem ele se apaixona perdidamente. A rapidez da urbanização, cena em que Carlitos está conversando com o médico ao receber alta da clínica, o médico o aconselha a ficar calmo e não se estressar, no entanto ao sair ele vê uma cidade barulhenta, movimentada, industrializada, etc., a individualidade perpetuada pela sociedade do capital também se mostra presente em algumas cenas do filme, o próprio Chaplin ironiza com mestria este momento no instante em que ele volta do “intervalo” e ao voltar fica brincando com as unhas, cabelo enquanto o operário trabalha em seu lugar, nesta cena há outro ponto interessante a se analisar, ao estar no banheiro Chaplin vai fumar um cigarro e existe uma tela enorme no



banheiro o controlando, mostrando o quão “sofisticado” é o controle do capital sobre o corpo dos trabalhadores.

A luta de classes se mostra presente na cena em que Chaplin é preso na manifestação de operários desempregados sob regime do capital, nesta cena podemos perceber a categoria da casualidade estudada por Lukács ao Carlitos ser preso como suposto comunista ao pegar uma bandeira vermelha que havia caído do caminhão e devolver ao mesmo. O adoecimento no trabalho, seu surto psicótico ao perseguir os botões traseiro do vestido da secretária da fábrica, o surto nervoso não é senão o adoecimento mental do trabalhador vinculado ao adoecimento corpóreo ao seu corpo sair saltitante atrás da secretaria, após este episódio Chaplin é enviado ao hospital psiquiátrico demonstrando a descartabilidade da força de trabalho que não serve ao capital. A objetificação do corpo feminino, seu lugar na divisão social do trabalho também aparece nesta sequência de cenas: a mulher do corpo esbelto “objeto” de desejo, trabalhando de secretária. O capataz de corpo másculo em detrimento do corpo franzino e/ou obeso do trabalhador mostrando provas “concretas” do poder do capital. O trabalho alienado da fábrica fordista-taylorista é outro tema central do filme, prova disto é que em nenhuma das cenas aparece o produto final produzido na fábrica, o trabalhador não sabe o que produz, ele não se vê naquele produto.

Como não poderia deixar de ser, e temos de deixar explícito as cenas típicas dos romances americanos, o romance exacerbado, cena final em que Chaplin sai de braços com a garota, é ela quem dá sentido à vida do épico anti-herói no filme e um coração se fecha em seus corpos de costas. O “viveram felizes para sempre” mesmo diante das atrocidades que passaram. Assim como Chaplin a garota é excluída desta sociedade por ser: pobre, mulher, menor de idade, órfã e desempregada. E ele como um romântico inveterado se apaixona pela garota ao impedir que a garota seja presa após roubar pão para saciar sua fome. O filme é rodeado de mensagens a preferência de Chaplin em querer voltar ao presidio em detrimento da “liberdade”, uma vez que é lá que o mesmo encontra segurança, abrigo, alimentação proteção do frio e da chuva, etc.

Este é o último filme mudo de Charles Chaplin, em nossa opinião não é mero acaso que o seja, uma vez que, como podemos notar no filme as únicas falas são do capitalista industrial em detrimento do operário que não pode falar, se expressar. Uma vez que, como já explicitamos o campo da arte é o campo da (des) fetichização do indivíduo. No entanto, não devemos nos esquecer que assim como o campo do entretenimento o campo da arte vezes ou outras podem servir como meio de “dominação” da subjetividade do trabalhador a favor do capital. O trabalhador em *Tempos Modernos* é um ator que fica aos ventos soprados pela sociedade do capital, se mostrando “ineficiente” objetivamente de lutar



contra este modo de produção em comento. Seria uma deriva inspirada no idealismo hegeliano, pois por mais que se reconheça os fenômenos exploratórios da fábrica taylorista-fordista não se vê meios de transformar objetivamente tais fenômenos.

O preço do amanhã de Andrew Niccol (2011), se passa numa sociedade futura em 2169, as pessoas foram modificadas geneticamente para a perfeita saúde e aparência eterna, estas param de envelhecer aos 25 anos de idade, mantendo a mesma aparência e saúde, as pessoas não se cansariam mais, não ganhariam rugas, nem cabelos brancos, sem quedas de cabelos, etc. etc. etc. Cada pessoa possui um relógio digital em seu braço e ao atingir 25 anos o contador regressivo passa a funcionar e ao chegar a zero (ao começar a funcionar a pessoa ganha 1 ano de vida, para satisfazer suas necessidades e se manter vivo, tendo de passar a trabalhar e/ou comprar tempo se assim possuir condições, para ganhar mais tempo) esta pessoa recebe uma espécie de pulso eletromagnético que o mata, no entanto, se a pessoa for assassinada o tempo que ainda existia se perde (assassinato de uma pessoa pelos ladrões de tempo “homens minutos” são chamados mostra), antes de atingir os 25 anos o relógio regressivo fica intacto (Cena da criança recém-nascida mostra o relógio zerado, ao ela atingir 25 anos o relógio começa a regredir, e ela dispõe de 1 ano de vida.).

O espaço territorial do filme se passa entre duas cidades principais Dayton – área onde as pessoas dispõem geralmente de 1 dia ou menos de vida, este é o local dos pobres, o gueto, a periferia do mundo e New Greenwich – a cidade dos ricos, as pessoas nesta cidade dispõem de séculos e séculos de vida (Existem 12 zonas (fronteiras) de tempo de Dayton (o gueto) até New Greenwich, a cada zona existe a necessidade de depositar uma certa quantia de tempo, exemplo: ao passar pela fronteira 12, Will depositou 1 mês de vida, na fronteira 8, 2 meses, na fronteira 4, 1 ano. O carro de último modelo que Will compra custa 59 anos, um quarto e um hotel, 2 meses, entrada no cassino 1 ano, e por aí vai. Lembramos de algo aqui ou não. Ao viajar de uma cidade a outra, não pagamos também e dividimos em quantas vezes, um carro, uma casa, etc.), não tendo de se preocupar em viver um dia de cada vez sem olhar para seu relógio regressivo no braço. É para lá que Will se encaminhar ao ganhar um século de vida de um homem que estava com a mente esgotada, embora seu corpo estivesse em perfeitas condições, com 105 anos de idade, é nesta cena que, a história do herói começa a girar, uma história que se passa dentro de um contexto de perseguição, violência, assassinatos, sequestro, roubos, amor e cumplicidade, e como todo “bom” filme americano – o menino pobre é acusado de assassinato e roubo, se apaixona pela “pobre menina rica”, e a mesma cansada dos conceitos do pai se apaixona pelo pobre menino, no entanto, rico em conceito de moral e caráter. O controle de tempo



que há em cada zona de tempo é realizado através de um painel, tudo que entra, sai, o que é gasto em cada zona é por este painel controlado e realizado pelos guardiões do tempo (polícia), são estes que vão atrás de Will ao acha-lo que ele assassinou e roubou o tempo do “doador”.

“... o tempo é a moeda agora...”, o aluguel, as contas de luz, alimentação, empréstimos, salário, é tudo pago e/ou recebido com débito de tempo de vida. Os impostos, juros são altos, a inflação sobe a cada dia, um café que ontem custava 3 minutos, hoje sobre para quatro (passamos por isso em período não muito distante de nossos dias, a inflação chegou a cerca de 28% ao mês, existia produtos nas prateleiras mas não havia quem os comprasse, porém com mostra uma cena de diálogo no filme entre Will e o “doador”, tudo faz parte do sistema “... nem todos podem viver para sempre, senão não haveria espaço...” para se viver bem, é neste sentido que existe as zonas de tempo (segregação), para frear a superpopulação e evitar que os do gueto cheguem as cidades de classe mais altas, o custo de vida no gueto sobe para que esta população se reduza cada vez mais, deixando viver para que morram (Foucault) apenas os produtivos para o capital, assim a população estaria controlada e sobraria espaço. “... todos querem viver para sempre ..., mas para isso muitos outros tem de morrer...”, deixando claro os preceitos do “... capitalismo darwiniano...”, como revela a fala do pai de Sylvia. Para que os de lá do alto exacerbam suas vidas em condomínios de luxo, carros caros, boa alimentação os daqui de baixo têm de morrer sob as celas da exploração, dos altos juros, da violência, da truculência estatal, entre outros. “... invadir a zona errada com 1 milhão de anos e distribuir quebraria o sistema...” fala do pai de Sylvia, ou seja, ao distribuir o tempo que haviam roubado dele parara dividir entre a população do gueto, não haveria mais empréstimos, as pessoas não morreriam mais por falta de tempo, etc. o sistema entraria em colapso. O filme traz um contexto onde o trabalho e gênero humano são reduzido a carcaça do tempo (no sentido estrito do termo. Cada hora, minuto, segundo de tempo, é tempo de vida ou morte) é a grande mensagem que as cenas do filme tentam nos transmitir, o tempo se tornou a maior moeda de todos os tempos, tudo se faz, se mata, se morre, se fetichiza, se estranha, etc. por um tempo a mais de vida.). “... os pobres têm de morrer, é como o sistema funciona ...” é uma das frases mais marcantes do filme, mostrando cada vez com mais transparência o lugar e o sentido desta classe sob a tutela do capital.

Não deixando de deixar aparente a desigualdade entre as classes, a contradição capital X trabalho, o estranhamento do homem em relação a sociedade em que vive, a coerção social e truculência policial, violência urbana, a vigilância, poder político, do Estado, individualismo, etc. A manutenção do corpo perfeito, vem a ser outro tema a ser debatido



no filme, cena em que o cara que cede o tempo para o herói revela ter 102 anos de idade com aparência de 25, o a mãe do herói que no dia de sua morte por ter acabado seu tempo havia acabado de fazer 50 anos, com a aparência também de 25.

Will ao receber o tempo do “indignado” de sua vida rodeada de fetiche, passa a viver também uma vida que não é de sua classe, ao comprar o caro mais caro de uma loja, frequentar festas da alta sociedade, sair de sua cidade que no enredo do filme seria a periferia em nossos dias de hoje, o local do trabalho e de morada da classe trabalhadora. E no decorrer do filme o mesmo é perseguido pelos “policiais do tempo”, pois estes suspeitam que ele roubou o tempo de alguém, bem como pelos ladrões de tempo. Ao se envolver emocionalmente com a filha de um banqueiro estes travam uma luta pela vida, num primeiro momento ela na condição de sequestrada e depois ao também se envolver com Will passa a ser cúmplice de nosso herói no roubo de tempo para distribuição entre os “pobres”.

Barreiras colocadas entre as divisões entre as cidades e/ou setores de classes como mostra o filme e para ultrapassa-las era necessário o debito de uma quantia “X” de seu tempo de vida, deixando explícito de quem poderia o não viver no setor agora ultrapassado, ou seja, a classe trabalhadora que ganha o quantum necessário para satisfação diária e manutenção de sua própria vida jamais conseguiria adentrar nos outros setores. Na sociedade em que vivemos atualmente tais barreiras existem, no entanto, se tratam de barreiras ilusórias. A segregação social em restaurantes, shopping center, no próprio acesso a cidade, entre outras.

Notas conclusivas

Diante do exposto ao longo desta comunicação podemos analisar que o trabalho nos dias de hoje ganha características duais, ou seja, ao mesmo tempo em que é aquele que potencializa a emancipação, formação do ser social é o que explora, degrada, extrai todas as forças pertencentes ao trabalhador. Se esta sociedade desigual, racista, preconceituosa em que vivemos fosse capaz de assegurar a harmonia entre os membros pertencentes a esta seria possível efetuar uma mudança de ordem societária, porém numa sociedade como está em que vivemos estou condicionado a achar o contrário. O trânsito do século XX para o século XXI trouxe consigo cenário de crise global: crise esta que se manifesta no meio ambiente, na política, na religião, na sociedade e suas mais variadas estruturas, na economia, na ideologia entre outras. Mesmo com este cenário de crise estrutural o capitalismo continua a ganhar hegemonia e ultrapassar fronteiras regionais e nacionais, valendo-se da deterioração dos recursos naturais, exploração da força de trabalho



humana, domínio do mercado de capitais, bem como das inúmeras atividades do ser social.

O movimento de reestruturação produtiva ocorrida nas últimas três décadas recaiu como uma “bomba” sobre a classe trabalhadora, a partir de então o trabalho que já era precarizado se torna super precarizado, implicações estas que vão de longas jornadas, condições sub-humanas de trabalho até óbito por doenças relacionadas ao trabalho e/ou suicídios (caso da China). Diante deste contexto observamos: a agudização da questão social, ocultação de direitos, desmonte de políticas sociais, entre outros.

A evolução dos meios de produção, implantação de tecnologias, informatização, tem levado ao que alguns teóricos afirmam que cada vez mais os trabalhadores têm trabalhado menos, no entanto estes mesmos trabalhadores sofrem constantemente com os ditames da precarização do mundo do trabalho ao passo que isto acontece muitos outros sofrem a dura tarefa de procurar emprego. Diante deste fato pensamos que na precarização do trabalho atinge todos os tipos de trabalho dos analfabetos aos escolarizados, no corte de cana aos professores, sem falar dos operadores de telemarketing, dos micros assalariados do Mac Donalds, entre outros.

Nota de rodapé

¹ Verdade aqui não como absoluta, ou seja, que a outra é determinadamente falsa, mas como, “fruto” de um processo de conhecimento através da história. Tal qual podemos ver em Adam Schaff “História e verdade” (1987), Gordon Childe “A evolução cultural do homem” (1978), Friedrich Engels “Dialética da Natureza” (1974), entre outros.

² As análises contidas neste tópico, foram originalmente desenvolvidas em minha dissertação de mestrado, intitulada, As condições de trabalho e a saúde dos/das motoristas do transporte coletivo de ônibus na “ilha da magia” Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PGSS0196-D.pdf>.

³ Homem aqui no sentido de gênero humano, ou seja, compreende homens e mulheres.

⁴ Disponível em: <https://pcb.org.br/portal/docs/opapeldotrabalho.pdf>. Acesso em: 16 de ago. 2016.

⁵ Ver em Para compreender a ontologia de Lukács. Sergio Lessa. Editora Unijuí. (2007).

⁶ Lukács. As bases Ontológicas do pensamento e da atividade do homem. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/bases_ontologicas_pensamento_atividade_homem_lukacs.pdf. Acesso em 19 de ago. 2016.

⁷ Disponível no site <https://www.youtube.com/watch?v=fD5K5IXbimg> Acesso em 20 ago. 2015.



⁸ Charlie Chaplin é britânico nascido em 16 de abril de 1889 e falecido em 25 de dezembro de 1977, é um dos nomes mais conhecidos do cinema, atuou, dirigiu, escreveu e financiou seus filmes. Suas produções se inserem num misto de crítica social, romance, ironia, humor e sensibilidade. Produziu filmes de cinema mudo (Temos Modernos é o último destes), é um dos diretores mais conhecidos quando o assunto é dirigir e produzir filmes. Outras obras de Carlitos: Mulher de Paris (1923), A corrida do ouro (1925), Luzes da cidade (1931), O grande ditador (1940), entre outros. Chaplin era sobretudo um idealista.

⁹ Disponível em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF%2010/2_alves.pdf. Acesso em: 24 de ago. 2016.

¹⁰ Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n1/pdf/chaplin.pdf>. Acesso em: 24 de ago. 2016.

Referências Bibliográficas

Dejours, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. Tradução de Ana Isabel Paraguay, Lúcia Leal Ferreira. 6ª ed. São Paulo: Cortez. 2015.

Frederico, C. O jovem Marx: 1843- 1844 as origens da ontologia do ser social. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Lukács, G. Para uma ontologia do ser social I. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

Martins, J. S. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. 3ª ed. São Paulo. Contexto, 2015.